



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIAS DE VIDA: RECURSOS METODOLÓGICOS PARA SE APREENDER A IMPORTÂNCIA SOCIAL DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

ORAL HISTORY AND LIFE MEMORIES: METHODOLOGICAL RESOURCES TO UNDERSTAND THE PUBLIC LIBRARIES SOCIAL IMPORTANCE

Fabício José Nascimento da Silveira¹

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O presente artigo nasce de duas indagações: como demarcar a importância social de uma biblioteca pública e de que maneira podemos apreender o poder de afetação que elas exercem sobre a vida de seus usuários? Para respondê-las, recorreremos às contribuições oferecidas pela "história oral" e as "memórias de vida" a esse campo de pesquisa. Empiricamente o texto centra-se em analisar qual a participação da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa no processo de elaboração intersubjetiva de referenciais identitários e tem como objeto de estudo os testemunhos de dois usuários da instituição. Interpretando os depoimentos por meio dos conceitos de memória social, sociabilidade e enraizamento, tornou-se possível caracterizar a Biblioteca como espaço vivencial no qual as referências coletivas e intersubjetivas de nossos depoentes se ancoram e ganham ressonância, configurando-se, assim, como "lugar antropológico" capaz de mobilizar os índices de significação a partir do qual nossos interlocutores definem-se a si mesmos e também o mundo que os cercam.

Palavras-chave: Biblioteca Pública; Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa; História oral; Memórias de vida; Discurso identitário.

Abstract: *The present article is born out of two questions: how to demarcate a public library social importance and how can we apprehend the affectation power that they exercise on their users life? To answer them, we resort to the contributions offered by the "oral history" and the "life memories" to this inquiry field. Empirically the text is centered in analyzing what the participation of the State Public Library Luiz de Bessa in the identitary referential intersubjective elaboration process is and it takes,*

¹ Bibliotecário, mestre e doutor em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFMG. Atualmente professor da Escola de Ciência da Informação - ECI/UFMG nas modalidades graduação e pós-graduação.

as an object of study, the two users of the institution's testimony. Interpreting the testimonies through the social memory concepts, sociability and rooting, it was possible to characterize the library as existential space in which our witnesses' collective and intersubjective references are anchored and gain resonance, being shaped, so, like "anthropological place" able to mobilize the signification rates from which our interlocutors define themselves and also the world that encloses them.

Key words: Public library; State Public Library Luiz de Bessa; oral History; life Memories; Identity speech.

1 INTRODUÇÃO

As histórias de vida estão povoadas de coisas perdidas que se daria tudo para encontrar: elas sustentam nossa identidade, perdê-las é perder um pedaço da alma. (BOSI, 2003, p.27).

Como demarcar a importância social de uma biblioteca pública? Para além disso, como apreender o poder de afetação² que tais instituições exercem sobre a vida dos sujeitos que as frequentam? Para a primeira questão, respostas satisfatórias poderiam ser esboçadas por meio dos seguintes artifícios metodológicos: análise e descrição das comunidades de leitores que recorrem aos seus acervos e serviços; comparação dos índices de frequência e usabilidade alcançados por elas em relação aos demais organismos culturais disponíveis em uma dada localidade; e, também, por intermédio da avaliação do grau de satisfação dos usuários tanto no que concerne aos materiais destinados ao empréstimo e à consulta, quanto à infra-estrutura física e às atividades prestadas por cada unidade bibliotecária.

Contudo, em função de seu caráter eminentemente intersubjetivo, elaborar explicações aceitáveis para a segunda pergunta requer expandir o potencial analítico dos procedimentos acima apresentados e conjugá-los a outros recursos investigativos que nos permitam compreender os variados níveis de inserção que as bibliotecas públicas ocupam no quadro geral das experiências culturais, políticas e afetivas que atravessam e informam a história de vida de um sujeito específico ou de grupos de usuários determinados. Nesse caso, o intento primordial deve almejar transpor as generalizações aferidas por dados estatísticos ou mapeamentos comportamentais em favor do desvelamento das práticas, eventos, narrativas e representações que promovem o entrelaçamento da gramática simbólica ancorada nas

² A expressão poder de afetação refere-se aqui a um processo de descontinuidade suscitado por algum acontecimento que estimule nossas experiências perceptivas, sendo mais preciso, aquilo que “*instaura uma descontinuidade na experiência dos sujeitos e movimenta o estado de coisas vigentes, bem como o posicionamento dos sujeitos afetados*”. (SIMÕES, 2012, 92).

coleções, espaços físicos e ações por elas desenvolvidas, às referências biográficas de seus frequentadores.

Dito isso, cabe-nos aqui formular uma terceira interrogação: como operacionalizar análises desse segundo tipo, uma vez que suas principais variáveis estão ligadas à dinâmicas, sensações e variáveis de ordem subjetiva? Sem desconsiderar outros tantos caminhos válidos, o texto que se segue põe em evidência as contribuições da "história oral" e das "memórias de vida" como experimentos heurísticos capazes de trazer à cena o conjunto de substratos sociais e cognitivos necessário à dissolução dessa problemática. Isto porque, partimos do pressuposto que tanto a *história oral* quanto as *memórias de vida* são procedimentos metodológicos que buscam registrar, através de narrativas induzidas e do entrecruzamento com fontes histórico-documentais, "testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. *Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida*". (DELGADO, 2006, p.15-16 - itálicos do autor).

Sendo assim, ao adotar como foco de suas preocupações "experiências vividas" e tomá-las como dinâmicas da experiência pessoal ancoradas em processos de socialização coletiva, tanto a história oral quanto as memórias de vida definem-se como métodos de pesquisa capazes de recompor visões de mundo, padrões de comportamento e modos de apreensão do cotidiano que geralmente não estão registrados em outros tipos de fontes. Mais que isso, ao converter narrativas mnêmicas individuais em elemento central do processo de reconstituição de épocas, acontecimentos e parâmetros normativos relevantes para a vida do grupo ao qual o depoente se insere, bem como das instituições e movimentos aos quais o mesmo se manteve vinculado, tais mecanismos de elaboração discursiva também empreendem "um esforço voltado para a expressão da pluralidade de visões inerentes à vida coletiva". (DELGADO, 2006, p.50).

Não sem razão essas metodologias têm sido recorrentemente empregadas em estudos que se propõem a³: recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões; reconstruir evidências históricas, culturais, políticas e sociais via conjunção de inúmeros depoimentos; recompor informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registrados em outros tipos de documentos, ou mesmo que, estando registrados, não se fazem disponíveis nem para

³ Não é nosso objetivo esgotar todas as possibilidades de aplicação dessas duas metodologias, para a constituição de um quadro mais amplo dos estudos que podem ser desenvolvidos a partir da história oral e da reconstituição de memórias de vida conferir: ALBERTI (2004), DELGADO (2006), FERREIRA & AMADO (2006); MEIRY (1994 e 2007), THOMPSON (1992), WORCMAN & PEREIRA (2006), entre outros.

pesquisadores e nem ao público geral por diferentes razões; contemplar o registro de visões de personagens ou testemunhas da história que nem sempre são validados pela denominada história oficial; bem como por aqueles que tentam possibilitar a associação entre acontecimentos da vida pública e da vida privada, por meio de narrativas individuais.

A esses possíveis estudos somam-se pesquisas e projetos investigativos ocupados em restabelecer redes de relacionamento, formas de socialização e canais de ingresso na vida política e comunitária, além daqueles focados em apreender estilos de participação social específicos a indivíduos e a certos grupos populacionais; estabelecer trajetórias de vida de pessoas cujas biografias se queira estudar; revelar o modo como alguns sujeitos ou distintos agrupamentos efetuam/elaboram experiências, incluindo-se aí todas aquelas vinculadas ao universo das práticas culturais - modos de se alimentar, de perambular pela cidade, de enterrar os mortos, de ler e escrever, etc.; assim como assinalar os artifícios acionados tanto no plano individual quanto na esfera coletiva que se mostram vinculados aos processos de edificação, manutenção e negociação de certos referenciais identitários.

Foi atentando para tais potencialidades que instituímos esses dois procedimentos metodológicos como os principais instrumentos de coleta de dados de nossa pesquisa de doutoramento, cuja problemática fundante era analisar a participação das bibliotecas públicas no processo de elaboração intersubjetiva de referenciais identitários. Tendo como objeto empírico a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa e operando com os conceitos de memória social, sociabilidade, enraizamento e identidade, era nosso objetivo principal caracterizar a biblioteca pública como espaço vivencial a partir do qual as referências coletivas e intersubjetivas de seus usuários se ancoram e ganham ressonância, exercendo, assim, grande poder de afetação sobre os processos moduladores das projeções identitárias acionadas pelos muitos sujeitos que a frequentam.

A amostra total dos depoentes foi definida intencionalmente após prolongada imersão no cotidiano da Luiz de Bessa e de conversas com seus bibliotecários e leitores. Para tanto, levou-se em consideração os seguintes critérios: tempo em que o entrevistado é usuário da Biblioteca, frequência com que utiliza ou participa das ações desenvolvidas pela instituição e, principalmente, o reconhecimento por parte dos próprios sujeitos de que a Luiz de Bessa constitui-se como referência marcante em sua história de vida. Além desses, dois outros critérios foram levados em consideração: os testemunhantes selecionados deveriam representar a diversidade de indivíduos que usam os distintos setores da Biblioteca e, para não se correr o risco de, ao final do trabalho, consolidarmos um discurso unificado e pacificado

sobre as proposições aqui tratadas, pelo menos um dos depoentes deveria se declarar alheio a essa afetação.

Constituído o panorama geral da pesquisa, é importante que se faça aqui uma observação: no decorrer das entrevistas verificou-se a impossibilidade de se separar, como se fossem formas estanques, sujeito e objeto. Percebeu-se ainda que, quando nos posicionávamos enquanto pesquisador, formulando as perguntas e solicitando maiores detalhes sobre uma temática específica, nossa intervenção despertava ou redirecionava o exercício mnêmico dos depoentes. Razão pela qual, visando potencializar a evocação e a transmissão das lembranças, a relação entre pesquisador e usuário se mostrou em muitos momentos um processo interativo pautado por descobertas mútuas. Assim, recorreremos a uma estratégia dialógica de comunicação em que ao mesmo tempo pudéssemos ser ouvinte e interlocutor dessas histórias/memórias reconstituídas.

No total, o *corpus* empírico do estudo abarcou sete testemunhos, sendo cinco de usuários do sexo masculino e dois de depoentes femininas⁴. Todos mantêm uma relação longa, embora nem sempre estável com a Biblioteca. Antes das entrevistas serem realizadas, processou-se uma conversa inicial com todos eles para explicá-los o teor da pesquisa e avaliar a disponibilidade de participarem ou não. Os dados foram coletados mediante a realização de entrevistas semi-estruturadas. Como dispositivo orientador, elaborou-se um conjunto de perguntas que permitiram aos nossos interlocutores refletirem sobre sua formação enquanto sujeitos históricos e sobre as relações que mantêm/mantêm com e no espaço público de Belo Horizonte (atividades, estratégias de mobilização e relações prático-afetivas). Possibilitavam ainda que os depoentes analisassem o lugar ocupado pela Biblioteca Luiz de Bessa – dimensões históricas, simbólicas e estruturais – em todo esse processo formativo-relacional.

O cuidado ético relativo às histórias de vida e à pesquisa como um todo foi fundamental. Desde o consentimento para a realização das entrevistas até o tratamento dos resultados obtidos por meio delas. Todas foram gravadas em local e data escolhidos pelo usuário e a transcrição efetuada respeitando-se a estrutura discursiva e os vícios linguageiros dos sujeitos em foco. Dado à sinuosidade do trabalho mnêmico, por vezes foi necessário deslocar um trecho ou outro da estrutura narrativa original, apenas para aproximá-lo de um enquadramento contextual mais apropriado àquilo que estava sendo perguntado.

⁴ É importante lembrarmos que, por se tratar de histórias de vida e de uma busca por indicativos da participação ou não da Biblioteca Luiz de Bessa na constituição dos referenciais identitários que atravessam a biografia de seus usuários, a variável sexo não se mostrou relevante no momento da composição da amostra, por isso não visualizamos nenhum problema em haver mais testemunhos masculinos que depoimentos femininas.

A partir desse quadro organizativo e visando-se apreender a importância que nossos interlocutores conferem à Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa enquanto instituição mobilizadora da cultura belorizontina e mineira, bem como na conformação dos quadros de sentido que orientam a vida de seus usuários, empreendeu-se a seguinte ação analítica: reconstituir os principais acontecimentos que marcam sua trajetória histórica, colocando-se em evidência os serviços e atividades oferecidos à população, bem como a diversidade de seus acervos e coleções. Ao refazermos esse percurso objetivávamos demonstrar os atributos que definem a Luiz de Bessa como uma instituição social que ocupa lugar de destaque no cenário intelectual, político e informacional da cidade e do estado, sobretudo por se dar a ver como espaço de leitura, de incentivo às práticas educativas, de preservação da memória coletiva e, também, como território de sociabilidade⁵ e enraizamento⁶, marcas constitutivas daqueles espaços definidos por Marc Augé (1994) e Antônio Arantes (1994, 2009) como "lugares antropológicos"⁷.

Posteriormente, em um segundo movimento, apresenta-se o depoimento de dois usuários da Luiz de Bessa, processando-se uma análise interpretativa dos mesmos tendo por referência as respostas que cada um desses sujeitos concederam a três questões específicas da entrevista: *que impressões e sensações foram vivenciadas por eles durante o primeiro contato com a Luiz de Bessa; qual a importância da Biblioteca para Belo Horizonte; e qual o lugar que a mesma ocupa em suas histórias de vida?*

⁵ Conceito formulado a partir da obra de Georg Simmel (1858-1918). Partindo do pressuposto de que as formas interativas são elos que unem singularidades distintas em uma unidade funcional denominada de sociedade, o sociólogo alemão ressalta que seu potencial de agregação só pode ser apreendido e "formalizado" – no sentido de ganhar um conteúdo perceptível – se existir entre tais singularidades o sentimento de "estarem socializados". Isso significa dizer que um mundo social só se constitui onde os projetos de socialização dos indivíduos – impulsos, motivos, interesses, desejos e objetivos – podem ser expressos como modalidades autônomas de interação denominadas por ele de *sociabilidade*.

⁶ Formulada por Simone Weil, escritora, mística e filósofa francesa, a noção de enraizamento expressa uma forma de estar no mundo. Diz de um conjunto de atividades e experiências de subjetivação que conferem estabilidade e sentido à interação coletiva, bem como às marcas de individualidade que atravessam cada sujeito. Desta feita, os "seres" enraizados são aqueles que enriquecem as práticas da comunidade e fortalecem suas raízes. Que participam de grupos cuja herança do passado alimenta a gramática simbólica moduladora de uma dada noção de cultura. Uma cultura que impede a desagregação dos cidadãos e a paralisia do conhecimento. Em síntese, o que aqui se denomina de enraizamento refere-se ao conjunto de experiências intersubjetivas e de ações concretas que buscam recriar o mundo através de práticas sociais transformadoras.

⁷ Termo empregado aqui tal como aparece referenciado nos estudos de Arantes (1994; 2009) e Augé (1989; 1994), a saber: "*reservamos o termo 'lugar antropológico' àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. (...) Esses lugares têm pelo menos três características comuns. Eles se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos. O projeto da casa, as regras de residência, os guardiões da aldeia, os altares, as praças públicas, o recorte das terras correspondem para cada um a um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial e social*". (AUGÉ, 1994, p.51-52).

Conjunção de elementos que nos permitiu apontar os atributos funcionais e afetivos responsáveis por estabelecer a Luiz de Bessa como pólo mobilizador de referenciais identitários, cuja força de afetação intersubjetiva e social se dá a ver tanto através das representações simbólicas responsáveis por lhe conferir visibilidade e justificar a execução de certos serviços e ações práticas, quanto pelos usos/múltiplos usos que cada sujeito lhes impõe.

Considerações que, por sua vez, serão distendidas ao longo das duas seções que se seguem. Na primeira sintetizamos o percurso evolutivo da Luiz de Bessa para, em seguida, darmos vozes aos dois usuários, apresentando suas "histórias de vidas" e destacando as impressões nutridas por cada um deles acerca da importância social das bibliotecas públicas e as distintas maneiras como essa instituição específica aparece referenciada em suas memórias pessoais.

2 BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL LUIZ DE BESSA: RECONSTITUINDO SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Até a inauguração da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, Belo Horizonte possuía apenas uma biblioteca pública. Subordinada à Prefeitura Municipal e localizada na Rua da Bahia, esquina com a Avenida Augusto de Lima, a mesma havia sido criada seguindo os auspícios de “modernidade” que orientou a construção da nova capital mineira entre os anos de 1893 a 1897. Devido à precariedade da nova sede, sua coleção foi levada, em 1904, para o salão térreo do prédio que acolhia os servidores do Senado, neste lugar permaneceu por dez anos, até que em 6 de setembro de 1914 migrou para o palácio do Conselho Deliberativo, onde resistiu por quase cinco décadas, sendo desativada em 1963.

Dois fatores contribuíram diretamente para a dissolução da Biblioteca Pública de Belo Horizonte. O primeiro deles ligava-se à necessidade da Câmara de Vereadores, antigo Conselho Deliberativo, conseguir mais espaço para que os políticos pudessem efetuar seus despachos e resoluções. O segundo motivo manifesta-se como consequência direta da construção da Biblioteca Pública de Minas Gerais em 1954, o que fez com que a antiga instituição perdesse o apoio da prefeitura e tivesse seu prestígio junto ao público desgastado.

Criada por meio da Lei nº. 1087, de 2 de junho de 1954, a Biblioteca Pública do Estado passou a funcionar “*em instalações provisórias, na rua Saturnino de Brito⁸, com um acervo inicial de 22.000 volumes. Três setores foram definidos como essenciais: a Sala de*

⁸ O endereço completo era: Rua Saturnino de Brito, nº. 89, no prédio da Sociedade Mineira de Engenheiros, em frente à estação rodoviária.

Empréstimo domiciliar, o Setor de Referência e a Divisão de Processamento Técnico”. (CESARINO⁹, 2006, p.23). Para melhor abrigá-la, seu idealizador, o então governador Juscelino Kubitschek, solicitou que Oscar Niemeyer planejasse uma sede moderna, à altura das pretensões políticas de seu mandato. O arquiteto traçou o desenho de um edifício de 6 andares, com espaços amplos, destinados às várias manifestações culturais que, através do incentivo à leitura, à educação e à salvaguarda da memória local e regional, “*transformariam a biblioteca numa casa de reflexão e de criação, a ser localizada na Praça da Liberdade, ao lado do Palácio do Governo*”.

A construção do prédio foi longa e repleta de contratemplos. Por falta de recursos financeiros o desenho original sofreu várias alterações e três dos seis andares previstos foram cortados. Depois de quase três anos de abandono, o governador José Francisco Bias Fortes conseguiu verbas junto à Diretoria de Esportes, aceitou o corte significativo do projeto e, contando com a mão-de-obra de detentos da Casa de Correção, hoje Penitenciária de Neves, deu, em 1961, a sede por terminada. Nesse mesmo ano, no dia 17 de janeiro, a Biblioteca Pública de Minas Gerais, por meio do Decreto Lei nº. 6140, teve acrescentado à sua denominação oficial o nome do professor “Luiz de Bessa¹⁰”.

Embora os primeiros anos de exercício de suas atividades tenham sido marcadamente conturbados, a década de 1960 foi “*particularmente rica no fortalecimento da recém criada biblioteca*”. (CESARINO, 2006, p.26). De fato, é neste período que importantes ações são concebidas para que a instituição pudesse se inserir de maneira proeminente na vida social e cultural de Belo Horizonte. A primeira delas foi a implementação do carro-biblioteca, serviço que, já àquela época, objetivava “levar informação e cultura” aos bairros da região metropolitana da cidade que não possuíam acesso a tais equipamentos culturais, bem como valorizar a leitura, a educação e a cidadania, atividades que ainda hoje desenvolve¹¹.

⁹ Grande parte dos dados históricos que apresentaremos a seguir tem como fonte o texto de Maria Augusta da Nóbrega Cesarino: *A Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa: percorrendo cinquenta anos de história*, cuja referência completa encontra-se citada na bibliografia do presente artigo.

¹⁰ Antônio Luiz de Bessa nasceu em Amarante, Portugal, em 12 de abril de 1894. Veio para o Brasil em 1906, instalando-se em Juiz de Fora, onde se formou em ciências comerciais. Foi também jornalista, exercendo carreira tanto nessa cidade quanto em Belo Horizonte, onde se tornou redator-chefe do *Estado de Minas* e da *Folha de Minas*. Em sua pequena bibliografia se destacam o livro *História Financeira de Minas Gerais em 70 anos de República* e uma tese apresentada em Santiago do Chile, intitulada *Função Nacional do Município*. Além de tais obras, publicou um pequeno opúsculo denominado *Minas Gerais, uma economia em expansão*. Exerceu diversas funções públicas e redigiu correspondências, mensagens e discursos para governadores e secretários do Estado. Veio a falecer na capital mineira em 16 de fevereiro de 1967.

¹¹ De acordo com informações disponíveis no site da Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais: <http://www.cultura.mg.gov.br/cidadao/servicos/biblioteca/page/1629-carro-biblioteca>, o carro-biblioteca da Luiz de Bessa presta, nos dias atuais, os seguintes serviços bibliotecários: empréstimo domiciliar; auxílio à pesquisa e consulta local ao acervo (livros, jornais, revistas, enciclopédias).

Outro marco importante desse período foi a criação, em 1962, da divisão Infanto-Juvenil, hoje espaço Lúcia Machado da Biblioteca Infanto-Juvenil (BIJU). Seu objetivo é democratizar o acesso à leitura literária e informativa para crianças e adolescentes, razão pela qual coordena atividades recreativas e de caráter educativo-cultural, sendo as mais frequentes a hora do conto e da leitura; oficinas, exposições temáticas e literárias; palestras, bate-papo com escritores e rodas de leitura.

O Setor Braille também começou a funcionar nessa década, mais precisamente em 1965, a partir da incorporação de uma coleção de livros em Braille, até então pertencentes à antiga Feira de Amostras da capital, ao seu fundo bibliográfico. Em 1969 a seção passa a contar oficialmente com um corpo de copistas e leitores voluntários criado mediante resolução interna. No contexto atual, atende pessoas com deficiência integral e parcial, buscando orientá-las em pesquisas e estudos, bem como permitir que tenham acesso à informação e à literatura de cunho geral através de áudio-livros e de outros materiais especiais.

Já no final dos anos de 1960 mais uma iniciativa seria concretizada visando tornar a Luiz de Bessa um pólo de referência da cultura mineira. No dia 5 de agosto de 1969 a *Coleção Mineiriana* foi criada tendo por amparo legal o Decreto Lei nº. 11.996. Enquanto coleção especial, a Mineiriana tem por objetivo nuclear compor um acervo de obras sobre Minas Gerais, sua história, letras, artes e ciências da terra e do homem, além de desenvolver ações em prol da divulgação da cultura do estado e editar publicações correlatas aos temas em foco.

Contudo, se os anos de 1960 foram vigorosos para a Biblioteca Estadual, a década seguinte impôs-lhe uma grave crise técnica e política. Isto porque, segundo Cesarino (2006, p.29), na gestão do governador Aureliano Chaves a instituição perdeu seu nome e sua identidade. De fato, o Decreto Lei nº. 19.173, de 9 de maio de 1978, a transformou em Centro de Educação Permanente, com o objetivo de “*propiciar recursos de apoio à educação formal e complemento ao processo educativo informal, de maneira a assegurar o desenvolvimento integral e harmônico da comunidade*”. (CESARINO, 2006, p.29). Nas análises da autora, uma decisão aparentemente técnica, visando justificar a permanência da instituição na estrutura da Secretaria de Estado de Educação e contar com recursos financeiros mais significativos, mas que sem dúvida foi tomada como ação política arbitrária, fruto da ditadura militar.

Em 1982 um novo espaço cultural foi instalado no Centro de Educação Permanente Prof. Luiz de Bessa; tratava-se da galeria de arte Paulo Campos Guimarães. Visando

incentivar a produção de artistas iniciantes, o mesmo acolheu trabalhos de grandes nomes do cenário das artes plásticas mineiro. Hoje, a galeria engloba entre suas funções divulgar datas e temas significativos para a literatura, através de mostras e exposições itinerantes que, após apresentação na Biblioteca, circulam entre outras bibliotecas públicas do Estado.

No ano seguinte à fundação da Galeria, em 1983, a instituição retoma sua identidade e volta a receber o nome de Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. É nessa data que se dá a criação da Superintendência de Bibliotecas Públicas, entidade que, desde 1994, por meio da Lei nº. 11.726, passou a coordenar o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais, cujas funções são incentivar a criação, expansão e manutenção dos serviços bibliotecários no Estado; promover a articulação inter-regional das bibliotecas públicas através de uma rede de bibliotecas pólos; capacitar o quadro de recursos humanos das bibliotecas públicas municipais; incentivar a implementação das novas tecnologias da informação adequadas ao armazenamento e gerenciamento de acervos; além de incrementar projetos culturais de estímulo à leitura no âmbito das bibliotecas públicas e manter atualizado o cadastro de bibliotecas públicas municipais.

Com o desenrolar da década de 1990 duas mudanças importantes amplificaram o escopo de atuação da Luiz de Bessa. A primeira delas aconteceu em 1996 quando se concretizou a transferência de um rico acervo de revistas e jornais históricos, até então pertencentes ao Arquivo Público Mineiro, para seus fundos bibliográficos, ação que teve por consequência a criação da Diretoria da Hemeroteca Pública de Minas Gerais. Por se tratar de uma “coleção especial”, preserva um valioso acervo de jornais e revistas históricos e raros, muitos deles registrando a história de Minas Gerais desde 1825, além de títulos nacionais e estrangeiros. No cenário contemporâneo, a Hemeroteca desenvolve um projeto de digitalização dos jornais mineiros, no qual estão disponibilizados para consulta mais de 1 milhão de imagens, aumentando o acesso e preservando os originais.

A segunda mudança foi estrutural e aconteceu em 1998 quando a instituição recebeu do governador Eduardo Azeredo a doação do antigo anexo da Secretaria da Fazenda, localizado na Rua da Bahia, entre a avenida Bias Fortes e a rua Gonçalves dias. Essa doação resultou na criação do Anexo Professor Francisco Iglésias onde funcionam hoje o Setor de Empréstimo Domiciliar e o Setor de Referências e Estudo, destinado ao atendimento de pesquisas gerais e a suprir às necessidades informacionais da população.

Ações que, aliadas à diversidade do acervo e sua localização no Circuito Cultural da Praça da Liberdade, acenam para a importância que a Biblioteca Pública Estadual Luiz de

Bessa ocupa no cenário sócio-cultural de Belo Horizonte, dinamizando a vida intelectual da cidade e preservando vestígios importantes da memória coletiva dos mineiros; além de, é claro, se definir como lugar de leitura, de acesso à informação, de potencialização das práticas educativas e de território de sociabilidade.

Modalidade de apreensão que se faz ainda mais expressiva quando conjugamos a esse substrato histórico-evolutivo o depoimento de sujeitos que foram chamados a refletir sobre a importância da Biblioteca para o contexto em que se inserem e o poder de afetação que a mesma exerce sobre suas biografias individuais. Por meio desses testemunhos podemos caracterizar a Luiz de Bessa também como um lugar antropológico capaz de desvelar a gramática simbólica e normativa que ampara a vida coletiva, bem como revelar as distintas sinuosidades de um discurso identitário formulado, sedimentado e compartilhado em torno dos livros, da leitura, da informação e das múltiplas interações sociais que a mesma congrega em torno de si. Deixemos, pois, que nossos depoentes falem por eles mesmos.

3 AS VOZES DA MEMÓRIA: "HISTÓRIAS DE VIDA" ATRAVESSADAS PELA BIBLIOTECA PÚBLICA

Nosso primeiro depoente chama-se **Luiz Q**¹². Natural de Carangola, é licenciado em letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, com habilitação em português-francês. Obteve, nessa mesma universidade, os graus de mestre e doutor em Estudos Literários. Nasceu em 1964 e é o sétimo filho de um total de nove irmãos. Seu pai era funcionário público e a mãe professora primária. Aprendeu a ler em casa e isso servia como uma espécie de exibição para as visitas, “*quando chegava visita em casa, a mãe dizia – “Vem, senta aqui e mostra como você já lê!”*”. (Luiz Q.; p.2).

Sua iniciação literária se deu através dos livros da “Série Vaga-Lume¹³”. Depois, passa a ler desordenadamente tudo que “caía em suas mãos”. Mesmo tendo estudado até a oitava série na escola em que sua mãe lecionava, não frequentou a biblioteca da instituição porque, segundo ele, “*não havia estímulo para isso*”. Situação semelhante ao que aconteceu com a biblioteca pública de Carangola, “*um espaço pequeno e que não funcionava com regularidade*”.

¹² Respeitando o acordo estabelecido com os depoentes antes da captação dos testemunhos, não podemos revelar a identidade de nenhum dos sete entrevistados.

¹³ A *Série Vaga-Lume* é uma coleção de livros lançada pela editora Ática a partir do ano de 1972. Sua obras, voltadas para o público infanto-juvenil, constituíram-se em um marco de vendagem no âmbito do mercado literário e livreiro do país.

Afirma não se lembrar do primeiro livro que leu, mas se recorda de ter sido um presente ofertado por algum familiar para amenizar uma doença que havia contraído quando criança, sarampo talvez. Adverte que o mesmo possuía mais gravuras que texto, tendo o lido e relido várias vezes. Dessa fase, não se esquece da descoberta do “Círculo do Livro¹⁴”, que considera o elemento desencadeador de sua compulsão por comprar livros:

Quando eu descobri o Círculo do livro eu me lembro que eu comprava livros, eu recebia a revista, escolhia e, na medida do possível, eu ia comprando por meio de pedidos. Eu pedia o meu pai ou minha mãe ou então meu avô que tinha uma loja de fotografias. Eu ficava lá com ele, ajudava ele, ele me dava, não era salário nem mesada, mas ele me dava um dinheiro e esse dinheiro eu usava para fazer os pedidos do círculo do livro”. (Luiz Q.; p.7).

Luiz Q. mudou-se para Belo Horizonte quando completou 18 anos, veio prestar vestibular e graduar-se em letras. Quanto à Luiz de Bessa, a mesma só passa a ser uma referência importante para o depoente no momento da transferência dos fundos da Hemeroteca para a coleção da Biblioteca Pública. Isso porque, o mesmo procura em jornais e revistas antigas informações que possam subsidiar seu trabalho de pesquisa sobre os espaços de sociabilidade LGBT em Belo Horizonte, especialmente entre as décadas de 1940 e 1980. Já publicou um livro sobre o assunto e pretende escrever outras duas obras. Mantém contato com a instituição há dez anos e, ultimamente, tem ido até lá todas as sextas-feiras das oito às dezoito horas. *“Ao longo desse tempo, passaram pelas minhas mãos todos os jornais desde 1950, eu já finalizei a década de 70 e tô começando a década de 80. Então trinta anos eu já peguei, já folheei um a um, dia a dia, mês a mês, ano a ano pra buscar essas informações”*. (Luiz Q.; p.12).

Para ele, a imagem que sintetiza sua chegada à Biblioteca é a de uma pungente frustração: o prédio era mal cuidado, havia pouco espaço para leitura e quase nenhum investimento público na manutenção de seus setores e acervos. Com o passar dos anos visualiza uma mudança de perspectiva e, em seu discurso, referenda a importância social da Luiz de Bessa para Belo Horizonte, bem como em sua própria trajetória de vida. Estabelecendo um contraponto com as bibliotecas universitárias, o depoente reforça seu

¹⁴ Foi uma editora brasileira que vendia as obras constantes em seu catálogo por meio de um "sistema de clube", onde a pessoa era indicada por algum sócio e, a partir disso, recebia uma revista quinzenal com dezenas de títulos a serem escolhidos. O novo sócio teria então a obrigação de comprar ao menos um livro no período. Embora essa estratégia comercial tenha rendido à editora bons lucros, a mesma encerrou suas atividades no final da década de 1990.

caráter de instituição pública e ressalta a variedade dos acervos ali disponíveis como marco de fundamental relevância para a cidade:

A Luiz de Bessa é fundamental na cidade. Ela é a única biblioteca, até onde eu sei, ela é a única biblioteca aberta ao público com um acervo variado, não só de livros, mas também de jornais e de revistas. Você tem as bibliotecas universitárias, mas elas acabam não atendendo à mesma função que uma biblioteca pública deveria atender. Então eu acho que é fundamental, ela precisa existir, ela precisa continuar existindo. (Luiz Q., p.14).

Precisa continuar existindo não só em função da amplitude de seus acervos, da diversidade de serviços que oferece à população local e do Estado ou da monumentalidade de seu prédio, mas, sobretudo, pela importância que ela possui na história de vida de seus leitores e usuários. Para Luiz Q. o contato com essa instituição foi tão relevante que o trabalho de pesquisa na Hemeroteca resultou em uma sensível mudança na sua maneira de ler jornal e isso impactou diretamente na forma como hoje pensa o jornalismo, área de conhecimento em que atua profissionalmente. Dito em suas próprias palavras:

O manuseio dos jornais na hemeroteca acabou também mudando a minha forma de ler o jornal. Mudou no sentido, assim, ler dez, vinte, trinta anos de jornais acaba te dando..., você acaba criando alguns mecanismos internos de reflexão, de ver como que o jornal vai mudando ao longo do tempo, não só na sua diagramação, mas na forma de trabalhar as informações, na forma de dar atenção a determinados temas ou a determinadas áreas. Enfim, isso acaba te levando a pensar em como que o jornal tá presente na sua vida, como que o jornal acaba te conduzindo a pensar de certa forma, acaba guiando uma forma de ler que você não tem, por exemplo, com o livro, com a obra literária. Então isso também foi importante. Ganhar essa consciência na frequência cotidiana da hemeroteca foi importante também pra me fazer pensar sobre o jornalismo. (Luiz Q., p.16-17).

Foi importante também para tecer novas redes de sociabilidade. Não diz que a Luiz de Bessa é sua casa, mas que, de tanto frequentá-la, adquiriu tamanha familiaridade que acabou despertando um sentimento, uma atenção diferente para com ela. Em suas recordações, a Biblioteca ganha feições de um lugar especial porque, conforme ele mesmo ressalta, consegue perceber sua própria história de vida, tal qual sua trajetória de formação intelectual se refletindo na história da instituição e nas relações mantidas com os funcionários que ali trabalham. Ao fim de seu depoimento, eis o que Luiz Q. nos declara:

Enfim, eu não direi, eu não chegaria ao exagero de dizer que a biblioteca é a minha casa. Não é! Esse tipo de metáfora pra mim é muito exagerada, mas

hoje eu possuo certa familiaridade com a biblioteca. Por exemplo, seu Milton, que é um dos porteiros que se revezam ali na portaria, ele me cumprimenta pelo nome, eu o cumprimento pelo nome também, aí quando eu chego no balcão pra pegar a chave pro escaninho a Helena me cumprimenta pelo nome. Quando eu subo, o Jairo, o Marcos, a própria Eliani, agora eu esqueci o nome, a funcionária, a bibliotecária que trabalha com a Eliani..., atualmente a Priscila que é a responsável pela hemeroteca, antes era a Marina, antes da Marina era a Tais, antes da Tais era uma que não sei o nome, mas que foi quando eu comecei a frequentar lá na Assis Châteaubriant, mas que eu via ela lá, ela me via, mesmo que eu não saiba o nome dela, criar essa espécie de história da instituição, mesmo que seja uma história particular a partir do contato semanal que eu tenho com a instituição, por meio dessa certa familiaridade de construir uma história minha lá dentro e ver um certo reconhecimento, um certo carinho que eles tem comigo, isso sem dúvida é muito importante e agradável pra mim. (Luiz Q., p.16-17).

Sensação também compartilhada por nosso segundo depoente, embora para este a interação com a Luiz de Bessa tenha sido muito mais difícil, sobretudo em seus primeiros momentos de efetivação. **José J.** nasceu em 25/09/1969, na cidade de Pitangui. Mudou-se para Belo Horizonte quando tinha dois anos de idade, veio com os pais e seus oito irmãos. Sua família passou a residir, então, em uma casa pequena na periferia da cidade. Hoje é casado, pai de duas meninas e tornou-se professor universitário em duas faculdades da capital, uma pública e outra particular. É também escritor, coordenador de projetos culturais e durante vários anos integrou a Comissão Municipal de Incentivo à Cultura, tendo sido ainda Consultor da Unesco para políticas públicas.

Relata que os pais nunca tiveram acesso à leitura, mas que sempre se esforçaram para que os filhos estudassem. Estudou o tempo todo em escolas públicas e diz se lembrar da existência de bibliotecas escolares, mas não alimenta boas recordações desses espaços, principalmente em relação aos bibliotecários, *“em geral pareciam que queriam guardar os livros em uma redoma né, tipo assim: – larga o livro menino e tudo mais”*. (José J., p.1).

Os poucos livros existentes em sua casa eram do irmão mais velho, *“ele comprava aquelas coleções da Abril e ia fazendo a coleção, montando livros, aquelas coisas assim de... é... literatura universal, literatura brasileira e aos poucos eu fui lendo vários desses livros né!”*. (José J., p.1). Contudo, afirma categoricamente que o elemento que mais influenciou sua formação enquanto leitor foi a descoberta, na 5ª série, do “caminhão-biblioteca” da Luiz de Bessa:

A experiência efetiva com a literatura veio somente a partir dessa possibilidade que apareceu quando a mulher do caminhão-biblioteca chegou na minha escola falando – “quem quiser pode fazer a carteirinha do

caminhão-biblioteca, tá na praça da igreja do Salgado Filho” – e aí ficou 2 meses, a mulher ficou 2 meses. (José J., p.1-2).

O primeiro livro que leu foi “As vinhas da Ira”, do John Steinbeck. Ao rememorar esse fato, nosso interlocutor comenta:

Apanhei igual cachorro do livro, mas foi muito particular aquela leitura, porque como eram clássicos eu não entendia muito (risos) na época não. Então eu lia por... por interesse porque eu achava bacana, legal mas eu não... pra mim aquilo era como se eu tivesse descortinando o mundo que eu não fazia idéia que existia”. (José J., p.3).

Diz que sempre foi muito “caxias” na escola e tímido também. Comportamento que acredita estar relacionado a uma lembrança da 3ª série: *“uma professora botou esparadrapo, fita na minha boca, disse que eu falava demais, então eu tive um trauma da quarta até a quinta série. Aí o encontro com os livros me ajudou a me expressar melhor e a quebrar esse trauma”*. (José J., p.3).

Quando adolescente, não frequentava os espaços urbanos da cidade, *“a minha família não tinha condições de ir a lugar nenhum”*. (José J., p.4). A recordação mais viva que permanece é de ter ido com a irmã em uma feira de livros e de ter ganhado de presente a obra “Marcelo, Marmelo, Martelo”, *“esse livro rasgou minha... rasgou minha... rasgou minha vida de criança”*. (José J., p.4). O depoente ainda o preserva consigo até hoje, ou melhor, segundo ele, *“suas filhas têm esse livro hoje né!”*.

A Praça da Liberdade aparece em seu depoimento como um lugar de elite, que o constrangia, assim como outros territórios de Belo Horizonte, notadamente em função de sua condição financeira. Perspectiva que também inclui o prédio da Luiz de Bessa: *“eu não gostava do ambiente da Luiz de Bessa. O lugar não me..., não me deixava muito..., muito tranquilo”*. (José J.; p.5). Sendo assim, o seu contato com a Biblioteca se deu de maneira mais efetiva por meio do carro-biblioteca, relação que manteve por 4 anos e meio, da 5ª série até o 1º ano do Cefet, tendo sido ampliada anos depois, em função de seu trabalho como consultor de políticas públicas, inclusive com o prédio e o acervo da Praça da Liberdade.

Chegou até lá incentivado pela namorada, mas diz que achou o ambiente estranho, era *“maravilhoso demais para quem vinha da periferia”*, e sempre preferiu a intimidade, a sensação de acolhimento que experimentara no “caminhão-biblioteca”:

O lugar não me..., não me deixava muito..., muito tranquilo. E eu me lembro como foi! É..., eu tava..., eu já tava fazendo faculdade e eu me lembro de ter vindo uma..., acho que numa sexta-feira na Praça da Liberdade. Eu tinha feito a carteirinha, novinha - eu tenho a carteirinha ainda lá em casa - eu peguei dois, dois únicos livros, porque pra mim era muito fora de mão vir à biblioteca. E eu me lembro que eu vim, vim numa sexta-feira, várias sextas-feiras e aí eu passei mais ou menos uns dois ou três meses vindo sextas-feiras regularmente à biblioteca Luiz de Bessa, foi acho que só... eu acho que só... só aqueles dois, três meses que eu tive contato com a biblioteca, mesmo. Mas eu não gostava muito daquele ambiente assim de... “será que alguém vai me bater?”, sabe assim? Eu achava aquilo meio estranho, era um pouco assim a minha sensação. O prédio eu sempre achei maravilhoso, até demais, pra quem era da periferia, que é a sensação que eu tinha desde... desde pequeno. (José J., p.5).

Percepção que, por muitos anos, fomentou em nosso depoente a sensação de que a Luiz de Bessa era um lugar de elite que talvez não tenha sido “*feito para as pessoas, para as pessoas se sentirem bem, se sentirem confortáveis, tranquilas*”, (José J., p.15). Filho de uma família humilde e morador da periferia de Belo Horizonte, José J. se sentia constrangido com o tamanho e a limpeza da Biblioteca, por que?

Porque eu..., sei lá..., o tipo de..., eu sempre tive, por exemplo, no Palácio das Artes eu tinha dificuldade de entrar, porque eu era uma criatura de periferia, eu tinha uma casa desse tamanhinho e o lugar era grande. E um lugar grande me deixava sem graça. Na minha casa aquele monte de gente, então, assim..., não era pela quantidade de gente, é porque o lugar, o tamanho do lugar me deixava assustado e aquilo me deixava assim, meio..., eu tinha aquela sensação de que alguém ia me falar que eu não podia fazer alguma coisa (risos), sabe? Aquele pedacinho ali da entrada¹⁵..., aquele pedaço era uma tortura pra mim (risos). Era como se eu atravessasse e, tipo assim, será que tem alguém olhando, será que tem... então, esse lugar meio oco não me ajudava muito não. (José J., p.6-7).

Um “lugar meio oco” que encontra seu oposto no carro-biblioteca ou, “caminhão-biblioteca” como o mesmo prefere dizer. Espaço que lhe ajudou a redimensionar suas perspectivas de vida e, posteriormente, a estabelecer outros vínculos com aquela instituição. Mas qual a diferença de um espaço para outro? O carro-biblioteca não é uma extensão da própria Luiz de Bessa? Deixemos que o próprio entrevistado nos explique as nuances dessa diferenciação:

Porque eu saía da escada e já caía direto nos livros. (risos). A criatura [a bibliotecária] sabia o tipo de livro que eu gostava, ela me tratava por você,

¹⁵ Menção ao espaço de entrada da Biblioteca Luiz de Bessa. O espaço da porta de entrada até a recepção dos usuários.

ela era perfeitamente prosa, era como se ela fosse da minha casa. [...] Então essa proximidade e o fato de o espaço ser menor, me deixava menos constrangido, não é só o fato de eu ir junto com os meus colegas, até porque nos últimos, no último um ano e meio, eu ia praticamente sozinho, era só eu, o caminhão-biblioteca deixou de ir pra lá porque tinha pouca gente indo, então eu ia praticamente sozinho pro caminhão-biblioteca. É..., mas a diferença do lugar, essa coisa vasta, toda grande, toda imensa, e aquele lugar onde eu... eu me sentia menos constrangido. [...] A experiência com o caminhão-biblioteca foi tão significativa na minha vida porque nele eu podia entrar, olhar os livros que eu quisesse... Se eu pudesse eu teria um caminhão-biblioteca dentro da minha casa (risos). Então, não foi dentro do ambiente da biblioteca pública, mas foi reflexo direto da experiência com o caminhão-biblioteca, porque aquilo impactou muito na minha experiência né! E pensar que aquelas pessoas deixavam as casas delas e iam lá pra chegar até mim, foi então que eu me toquei que eu teria que ir até à biblioteca. (José J., p.8-9).

E foi, não só porque se tornou professor e pesquisador acadêmico ou um consultor para políticas públicas, mas porque a relação com o carro-biblioteca acabou por se reverberar em outros campos de sua vida. *“E essa relação que..., que depois eu recuperei é que me faz entrar hoje com um certo grau de tranqüilidade naquele lugar e tudo mais, exatamente porque o meu caminho foi diferente de outras pessoas com a biblioteca, eu não morava por aqui, eu morava em outro lugar e tudo mais!”*. (José J., p.14). Em outro trecho do depoimento, há um aprofundamento analítico acerca dessa reflexão:

Mas aqueles três meses, acho que foram significativos pra eu... pra toda a experiência que eu tive depois com bibliotecas. E é interessante que eu..., se eu não tivesse tido aquele tipo de experiência antes, o se não faz história né, mas eu fico pensando... pensando assim como minha história teria sido outra, melhor..., diferente, sei lá. Foram apenas três meses que fazem diferença na minha vida, e eu passei tantos anos com medo de entrar naquele prédio (risos). (José J., p.5).

Auto-análise que deixa transparecer tanto na fala quanto nas reminiscências de nosso depoente o reconhecimento da Luiz de Bessa como importante pólo de enraizamento de suas experiências pessoais, sendo mais explícito, de ancoragem daqueles elementos que mobilizam seus referenciais identitários. Não por acaso José J. afirma ainda que:

Se hoje eu sou um profissional de política pública que pensa política pública tão contundentemente, parte dessa contundência veio das conclusões sobre o descaso do estado com a Biblioteca Pública Luiz de Bessa. Sabe um troço assim..., de parar um pouco e ver a experiência com a biblioteca refletir-se em outros campos da minha vida. E nesse sentido, a biblioteca foi referência das minhas inquietações com política pública; porque era um lugar que, quando eu vi a importância que as pessoas do interior davam eu pensava assim: “gente, porque que não há investimento continuado nessa biblioteca?”

Sabe assim? [...] Essa relação vem sendo bastante (silêncio)..., é como se eu..., eu tivesse conhecido o prédio da biblioteca muito tarde (risos). Sabe, eu tinha uma relação com a Luiz de Bessa, com a instituição muito forte, mas com o prédio, o medo do prédio acho que foi vencido de 2000 pra cá, de 2002 pra cá. (José J., p.13-14).

Como pode ser observado, além do reconhecimento da importância que a Luiz de Bessa possui para a cidade e, em ampla medida, para o Estado, há uma explícita menção à forma como as experiências mantidas com a Biblioteca se reverberaram para outros campos da vida do entrevistado, principalmente nas lembranças do prédio e da Praça da Liberdade, e no modo como o mesmo pensa e atua no setor de políticas públicas. Reminiscências evocadas, em um primeiro momento, como algo que marcou negativamente o depoente, afastando-o da instituição, mas possibilitando a criação de um vínculo estreito com o carro-biblioteca, espaço no qual se formou enquanto leitor e pôde potencializar suas vocações literárias. No contexto biográfico de José J., a presença no carro constitui-se como referência determinante, inclusive, para o processo de redimensionamento de suas atuais perspectivas em relação à Luiz de Bessa e a outros espaços urbanos da capital mineira.

Profusão de sensações e experiências vivenciais que só puderam ser publicizadas graças aos procedimentos metodológicos desenvolvidos pelas pesquisas com história oral, especialmente aquelas que buscam reconstituir histórias de vida. Conjugando os dois relatos com os substratos que definem a trajetória histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, alguns dos enquadramentos sociais e simbólicos responsáveis por definir o lugar que a mesma ocupa na paisagem cultural da cidade e na memória dos seus usuários puderam ser clarificados. O primeiro deles indica que sua presença nas histórias de vida dos nossos depoentes está diretamente relacionada às representações que demarcam sua função de lugar de leitura, de educação, memória e sociabilidade. De fato, foi através dos acervos e atividades por ela dinamizados que nossos interlocutores conseguiram potencializar sua formação enquanto leitores, além de travarem contato com os dispositivos informacionais necessários à ampliação de seus universos culturais e educacionais, chegando mesmo a impactar em suas escolhas e perspectivas de atuação profissional.

Nessa mesma mirada, é possível visualizarmos de maneira recorrente na fala desses usuários uma compreensão de que a Biblioteca desempenha importante trabalho de conservação, organização e disseminação da memória, do patrimônio cultural e intelectual belo-horizontino, assim como da história mineira e nacional. Percepção que não se institui tendo por referência apenas suas coleções especiais, uma vez que o próprio prédio insurge

como substrato visível desse esforço mnêmico e preservacionista. Outro enquadramento marcante é aquele que apresenta a Luiz de Bessa como território de sociabilidade, um refúgio em meio à vida tumultuada da metrópole.

Nestes termos, essa conjunção entre testemunhos vivenciais e recomposição histórica emerge como dispositivo analítico altamente promissor quando o que se quer apreender é a importância social das bibliotecas públicas e a forma como as mesmas afetam a vida dos sujeitos que as frequentam. Abaixo tecemos mais algumas considerações acerca dessas possibilidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Conforme demarcado em suas primeiras páginas, este texto nasce de duas indagações: como demarcar a importância social de uma biblioteca pública e de que maneira podemos verificar o poder de afetação que elas exercem sobre a vida de seus usuários? Dentre os muitos caminhos possíveis de serem trilhados em busca de respostas, optamos por assinalar as contribuições oferecidas pela história oral e os testemunhos de vida a tais campos de pesquisa. Partindo do pressuposto que tanto um quanto o outro são artifícios metodológicos voltados para a produção de fragmentos discursivos e indícios documentais pautados simultaneamente por elementos de ordem intersubjetiva e narrativas ancoradas em referências histórico-factuais, tornou-se possível referendar que ambos os procedimentos representam um avanço significativo frente aquelas análises que se fundamentam prioritariamente em dados de ordem quantitativa, tipo relatórios de empréstimos e de pesquisa, índices de usabilidade do acervo ou gráficos que apontam o aumento e/ou a redução dos números de usuários de uma dada instituição.

Modalidade de compreensão acionada como ferramenta analítica e de captação de dados no estudo sobre a participação da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa no processo de elaboração dos referenciais identitários que orientam a história de vida dos dois usuários cujos testemunhos foram aqui apresentados. Através deles nos tornamos capazes de evidenciar a importância intersubjetiva ocupada pela Biblioteca no que diz respeito à composição do quadro representacional modulador de suas experiências vivenciais, bem como ressaltar que tais referências possuem a capacidade de transpor o domínio eminentemente individual, uma vez que deixa evidente um processo de validação coletiva dos seus distintos atributos e funções sociais.

Com isso, para além de enaltecermos que a importância social da Luiz de Bessa vincula-se estritamente ao fato de ser a maior biblioteca pública do estado e uma instituição que interfere diretamente no contexto cultural em que se insere, os relatos aqui captados ratificam, em paralelo a esses qualificadores, que a Biblioteca, enquanto espaço antropológico, de sociabilidade e enraizamento, congrega em torno de si um conjunto de referências práticas, simbólicas e afetivas que permitem a um usuário singular, tanto quanto a uma sociedade inteira traçar uma imagem e constituir um discurso definidor de si mesmos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ARANTES, Antônio Augusto. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**, Brasília, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.23, 1994, p.191-203.
- ARANTES, Antônio Augusto. Patrimônio cultural e cidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (Orgs.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Almedina : CES, 2009, p.11-24.
- AUGÉ, Marc. Le liuex de memóire du point de vue de l'ethnologue. **Gradhiva**, n.6, 1989, p.3-12.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- BARRETO, Abílio. A origem da bibliotheca pública. **Boletim Bibliographico**, Bello Horizonte, anno 1, n.1, p.5-7, set. 1935.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2 ed. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BRETTAS, Aline Pinheiro. A biblioteca pública de Belo Horizonte: o legado cultural de uma sociedade literária. **Inf. Inf.**, Londrina, v.15, n.02, p.93-108, jul./dez. 2010.
- CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega (Org.). **Biblioteca pública estadual Luiz de Bessa: 50 anos de cultura**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Belo Horizonte : Superintendência de bibliotecas públicas, 2006.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Leitura, escrita e oralidade).
- FERNÁNDEZ ABAD, Francisco Javier. Evolución histórica de la función social de las bibliotecas públicas. **Revista general de información y documentación**. 2006, n.2, p.93-110.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

- FRANÇA, Vera R. Veiga. Sociabilidade: implicações do conceito no estudo da comunicação. In: BRAGA, José Luiz; FAUSTO NETO, Antônio; PORTO, Sérgio D. (Orgs.). **A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995, p.55-65.
- JARAMILLO, Orlanda; MONTOYA RÍOS, Mónica. Revisión conceptual de la biblioteca pública. **Rev. Interam. Bibliot.** Medelin, v.23, n.1-2, enero/diciembre, 2000, p.13-56.
- MEIRY, José Carlos Sebe Bon. Definindo história oral e memória. **Cadernos CERU**, n.5, série 02, 1994, p.52-60.
- MEIRY, José Carlos Sebe Bon; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MENESES TELLO, Felipe. Bibliotecas y sociedad: reflexiones desde una perspectiva sociológica. **Rev. Interam. Bibliot.** Medelin, v.28, n.2, jul./dic., 2005, p.117-133.
- MÜLLER, Suzana P. M. Biblioteca e sociedade: evolução da interpretação das funções e papéis da biblioteca. **R. Esc. Bibliotecon.** UFMG. Belo Horizonte, 13(1): 7-54, mar. 1984.
- O NOME da Biblioteca Pública: Luiz de Bessa. **Dois palavras**, v.1, n.1, p.4. dez. 1984.
- RODRIGUES, Eduardo Alexandre. A biblioteca pública e os seus públicos: uma proposta interpretativa. **Sociologia, problemas e práticas**, n.53, 2007, p.135-157.
- SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão sócio-histórica. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.21, n.1, p. 37-54, jan./abr. 2011.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (Nova biblioteca de ciências sociais).
- SIMÕES, Paula Guimarães. **O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo**. 2012. 283f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- SOUZA, Jessé; ÖELSE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. 2. ed. Brasília: UNB, 2005.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WAIZBORT, Leopoldo. Elias e Simmel. In: WAIZBORT, Leopoldo (Org.). **Dossiê Norbert Elias**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001, p.89-111.
- WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- WEIL, Simone. **O enraizamento**. Bauru: EDUSC, 2001.
- WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vásquez (Coords.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC-SP : Museu da Pessoa : Imprensa Oficial, 2006.